

Narrativas

Espaço do contar

Ano 4 | Número 4 - novembro de 2015



Narrativas

Espaço do contar

Ano 4 | Número 4 - novembro de 2015

Sobre HISTÓRIA e NARRATIVA, para além da LITERATURA

Mais um ano. O quarto! A Revista Narrativas está virando gente grande e, com a maturidade, renovam-se os projetos. Não é novidade, Camões já havia cantado, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.

A missão desta edição foi sair do marasmo, da preguiça que tende a nos abater, destruir até. Resistamos! A Literatura foi, como de costume, nossa Mãe, matéria-prima criadora, fonte de águas límpidas. Contudo, pedimos ajuda a colegas já ilustres. Ampliando a noção de narrativa, explorando a diversidade do contar, recorreremos ao Cinema e às Artes Visuais. E a História? Ora, pois, somos filhos do nosso tempo, ela nunca nos abandonou.

Seguimos a tradição já criada. Os debates propostos em sala com a turma de 9º Ano transformaram-se em oficinas de produção, dossiês de inspirações variadas.

Com “O Rei dos Sonhos”, inauguramos os trabalhos. Neil Gaiman e sua literatura em quadrinhos nos foram matriz para um universo de possibilidades, em que conceitos passaram a caminhar sobre a Terra e além.

O segundo dossiê, “Seguindo os tijolos amarelos”, foi uma proposta diretamente ligada ao projeto “Vou-me embora pra pasárgada”, desenvolvida em 2014. Em suma, fomos sinceros, imaginamos o lugar em que gostaríamos realmente de estar.

“O Eu profundo e os outros eus”... o que dizer? Fernando Pessoa já se tornou um amigo, que nos abraça com sua poesia multifacetada. Criamos, como de praxe, nossos heterônimos, acordando “eus” que já há um tempo repousavam.

Aventuramos-nos na ficção científica com “A Verdade está lá fora”. Sim, nostálgicos, investigamos casos paranormais com os agentes Mulder e Scully, no clássico Arquivo X. Mas calma, não foi tão científico assim, com a ajuda de Sofia, de Jostein Gaarder, aprendemos a migrar entre a ficção e a realidade como quem atravessa a rua.

O encerramento veio com as estrelas, acordes, chapéus e lunetas do uruguaio Gervasio Troche. Demos visibilidade a seus “desenhos invisíveis” em pequenas histórias cheias de poesia.

Melhor parar por aqui, escrever é uma mania e tanto! Agradeço a todas as ajudas, em especial de Mônica Scheer, nossa revisora-môr. Vamos ler o que nossos alunos têm a dizer. Divirtam-se.

Mateus Bertolino



DOSSIÊ O REI DOS SONHOS

6



DOSSIÊ SEGUINDO OS TIJOLOS AMARELOS

14



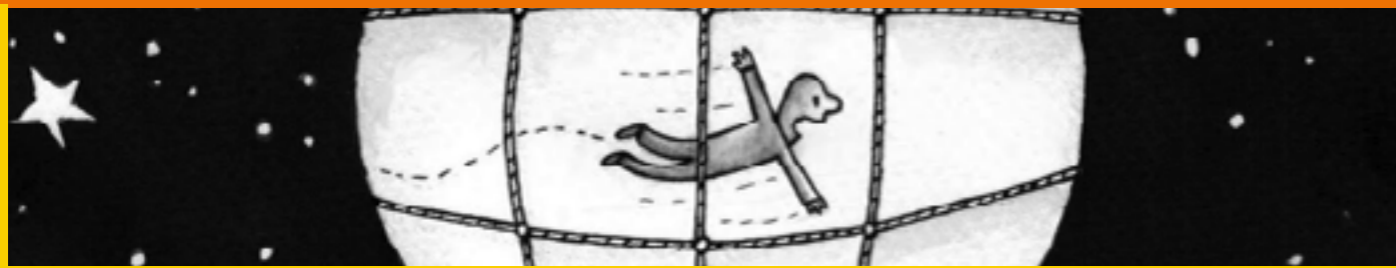
DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

22



DOSSIÊ A VERDADE ESTÁ LÁ FORA

27



DOSSIÊ DEIXE-ME INVENTAR

35



DOSSIÊ O REI DOS SONHOS

Nossa existência deforma o universo. Isso é responsabilidade.

"Sandman", de Neil Gaiman



Sonhamos com os Perpétuos de Neil Gaiman e descobrimos que, para viver, basta crer. Crer em qualquer coisa! A vida nasce desta pequena grande bandeira. Assim sendo, demos vida aos personagens mais imateriais que poderiam existir e com eles caminhamos em prosa e verso.

Não é de hoje que Destino, Morte, Sonho e Destruição andam sobre mundos e utopias, que as gêmeas Desejo e Desespero atormentam os espíritos mais inflamados e que a jovem Delírio nos acalenta com explosões. Uma família e tanto.

E qual conceito você levaria para dar uma voltinha? Vamos descobrir, mas cuidado com a hora, Morpheus dos Perpétuos já lança suas areias sobre nós.

*Se males faz Amor, em mim se veem;
Em mim mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.*

"Quem diz que o Amor é falso", de Luís de Camões

Obras de referência: "Sandman", Volumes I, II, III e IV, e "Deuses Americanos", de Neil Gaiman / "Poesia Completa", de Luís de Camões / "Dicionário de Mitologia Greco-latina", de Tassilo Orpheu Spalding

Amor e Desejo

Em uma festa, o Desejo se encontrou com o Amor. Eles ficaram conversando e viram, surpresos, que não tinham muitas diferenças.

No dia seguinte à festa, ao final da aula, quando todos tinham saído, o Desejo demonstrou seus sentimentos pelo Amor com um beijo. Foram para casa e conversaram a noite toda.

Durante as férias, o Desejo pediu Amor em namoro. Após esse tempo, divulgaram o namoro para todos. No entanto, muitas discussões enfrentaram por causa do Ciúme, mas superaram.

Estava na hora do Amor conhecer os pais de Desejo, marcaram assim um almoço. Ele foi, porém com muita vergonha. Depois do almoço, Desejo pediu para que fossem até seu quarto, jogando-o na cama, entre beijos e amassos, e tiveram relações sexuais. A partir desse dia, Amor passou a confiar mais em Desejo.

Contudo, nove meses de brigas e romances se passam, e o Amor reparou que o Desejo apenas queria seu corpo e não o seu coração.

Anônimo

O significado da loucura

Sempre ando do seu lado. Quando você está feliz, triste, calmo, sério, tanto faz. **Eu só olho fixamente para você.** Eu sempre converso com você quando está chorando de dor, seja física ou mental, simplesmente sussurro no seu ouvido: "Olha a altura dessa ponte, se você pulasse dela não daria nem para sentir dor.", mas você me ignora, e isso me deixa furioso. Quando tento te ajudar você me dá as costas, quando tento aliviar sua dor você se machuca ainda mais, **do que adianta você sentir prazer da vida se logo depois sentirá também a dor?** Meus **penSamentOs NeM sEMpre ME aJuDaM**, nesse mundo não adianta você agradecer a todos, **eles nunca vão te retribuir de volta**, meu conselho? **Olhe somente para você, esqueça-se do mundo, sinta ira, sinta felicidade e libere isso em todos! No final deixe somente um sorriso em seu rosto para que todos possam ver! Nunca pense, somente aja e continuará a se sentir bem.** Mas você não me deixa ajudar! Faço de tudo para ter atenção e nunca consigo a liderança! Eu não deixarei assim... Vou ficar aqui esperando... no escuro do quarto... até eu ter uma oportunidade, e aí, livrarei todos nós de qualquer dor. Seus olhos vão se fechar, e você nem vai perceber, aquela sombra no canto do quarto, com os olhos vermelhos de ódio, olhando fixamente para você.

Pedro Atros

Ar

Imagine se o ar fosse uma pessoa.

Todo mundo ia necessitar dele para sobreviver e todos nós teríamos um espaço limitado para viver e não conseguiríamos interagir uns com os outros.

De repente o ar virou uma pessoa, uma pessoa que estava presente em todos os lugares do planeta. Nós continuamos dependendo dele, mas agora ele estava presente fisicamente.

Várias pessoas começaram a morrer e Sherlock Holmes foi investigar.

Pessoas começaram a morrer, entendam, bizarramente. Uma pessoa que vivia ao lado de Sherlock morreu. Contudo ele concluiu que o ar matou as pessoas.

Com um aparelho criado na Segunda Revolução Industrial, o ar deixou de ser uma pessoa e todos voltaram a viver normalmente.

Igor

Certo dia os humanos abandonaram a terra por motivos desconhecidos. E quando uma coisa é abandonada um sentimento de solidão cresce nela.

Dessa vez, como um planeta inteiro foi abandonado, o sentimento foi tanto que uma criança nasceu a partir desse sentimento. Como eu sei disso? Bem eu sou um espírito que tem acompanhado a solidão desta criança. Não pude ajudar muito nos seus desafios.

Essa criança não tinha nome, mas era do sexo masculino e nasceu precisamente em Nova York. Foi muito sorte e eu vou explicar o porquê.

Primeiro Dia sem Ninguém

- **Colapso da Eletricidade.** Horas após o homem desaparecer, as luzes começaram a se apagar

ao redor do planeta. Iria apagar inicialmente naqueles locais aonde a energia vem através da queima de combustíveis fósseis. Como não havia ninguém para fornecer o combustível... Porém, Nova York será a última cidade a se apagar por causa de sua usina que consegue trabalhar sozinha sem a ajuda do homem por um ano.

- **Inundação do subterrâneo das cidades:** Agora que o mundo está sem eletricidade, as grandes cidades vão começar a ter o seu subterrâneo inundado. É o caso dos túneis de metrô. Muitos ficam sob lençóis freáticos e para mantê-los secos, é preciso ligar um sistema de bombas para drená-los.

A criança explorava as casas não entendendo o que estava acontecendo. Quando ele tentava ir

para o subterrâneo eu bloqueava o seu caminho. Eu o guiava para sobreviver, eu o ajudava a procurar comida e água.

Dez Dias sem Ninguém

- **Morte de Cães de Estimação.** A comida apodreceu e as geladeiras derretiam por dentro, o que fez a água espalhar pelo chão e ajudou os animais a ficarem vivos. Mas agora acabou. Qual o destino dos cachorros? Muitos morreriam de fome, presos em suas casas, pois não sabem abrir latas, geladeiras, portas. Os que conseguissem sair teriam que se virar para comer. Eles voltariam a se alimentar de animais mortos. Mesmo assim, sobreviveriam por pouco tempo. Os cães pequenos não viveriam nem por uma semana, seriam mortos pelos maiores.

Adivinha qual cão tem as melhores chances de sobreviver? O vira-lata comum. Eles sofreriam, mas sobreviveriam.

O menino não aguentava ver aquela “carnificina de animais mortos” e começou a se perguntar “por que eu estou sozinho aqui?”.

Seis Meses sem Ninguém

- **Invasão de animais nas cidades.** As cidades começaram a ser tomadas por predadores. Coiotes e lincos sempre viveram nos arredores de concentrações humanas e seriam os primeiros a invadir os centros urbanos.

O menino começou a ficar feliz por ver tantos animais amigos por perto, apesar de não conseguir fazer amizade com nenhum...

Um Ano sem Ninguém

- **Incêndios.** Sem o controle do homem, incêndios causados por raios, antes controlados por nós, agora se espalham por quilômetros. Nas cidades, as estruturas abandonadas e casas de madeiras alimentam as chamas, devastando tudo pelas chamas.

- **Nova Geração de Plantas.** As estruturas de madeira incendiadas caem no chão, liberando o nitrogênio necessário para que a próxima geração de plantas se desenvolva.

O menino começa a se desesperar porque agora não existem mais casas de madeira e pelo fato de que Nova York finalmente ficou imersa na escuridão.

Cinco Anos sem Ninguém

- **Pavimentação desaparece.** Ruas, rodovias, avenidas e outras vias pavimentadas desaparecem completamente.

- **Central Park Vira uma Selva.** Cinco anos após o desaparecimento do homem, o famoso Central Park em Nova York explode em vida vegetal e animal.

- **Animais de Zoológicos.** É incerto o que vai acontecer com eles. Os que escaparem vão andar pelas cidades, que agora são como uma selva. Tigres e leões vivem tranquilamente sem nós.

O menino começa a ter ilusões com as seguintes letras: S-O-L-I-D-Ã-O.

Começa a ter que enfrentar a vida selvagem. Daí ele começa a me ver, eu, o espírito da companhia e ele entende o que está acontecendo... Um teste para ver se ele consegue descobrir quem ele é, até perceber que é o espírito da solidão.

Depois disso, ele vê uma luz, caminha em direção à luz e vê o seu lugar em uma terra distante onde só vivem espíritos de sentimentos e finalmente consegue saber qual é a razão de sua existência.

Felipe Adami

Rimas Antissociais

No século XXI, cinco sites famosos se encontraram para uma batalha épica: Facebook, Orkut, Youtube, Instagram e Twitter – com um detalhe, não era uma batalha comum, era uma batalha de rimas.

O Facebook começou: “Youtube no seu site só tem sacanagem, aqui no face tem até foto de viagem”.

Youtube respondeu: “Facebook você foi criado pelo Mark Zuckerberg, mas eu sei que aí não tem o video do Berg*”.

Instagram entra e diz: “Se liga Twitter, você é velhão, não vem bater comigo porque eu sou da nova geração”.

Twitter responde: “Instagram pensa no que você está falando, baixa meu aplicativo e vai twittando”.

Orkut, enfim, fala: “Fica quieto todo mundo que eu sou o mais experiente, então sai da frente aqui a chapa é quente”.

O Google, de penetra, entra e fala: “Aplicativos subalternos, vocês são um lixo, presta a atenção porque eu sou o bicho”.

Gabriel e Luca

A Nova Integrante

Há alguns dias, a Guerra fez uma breve viagem com seu irmão Medo. Eles foram à Europa para fazerem o que mais gostam, causar a destruição.

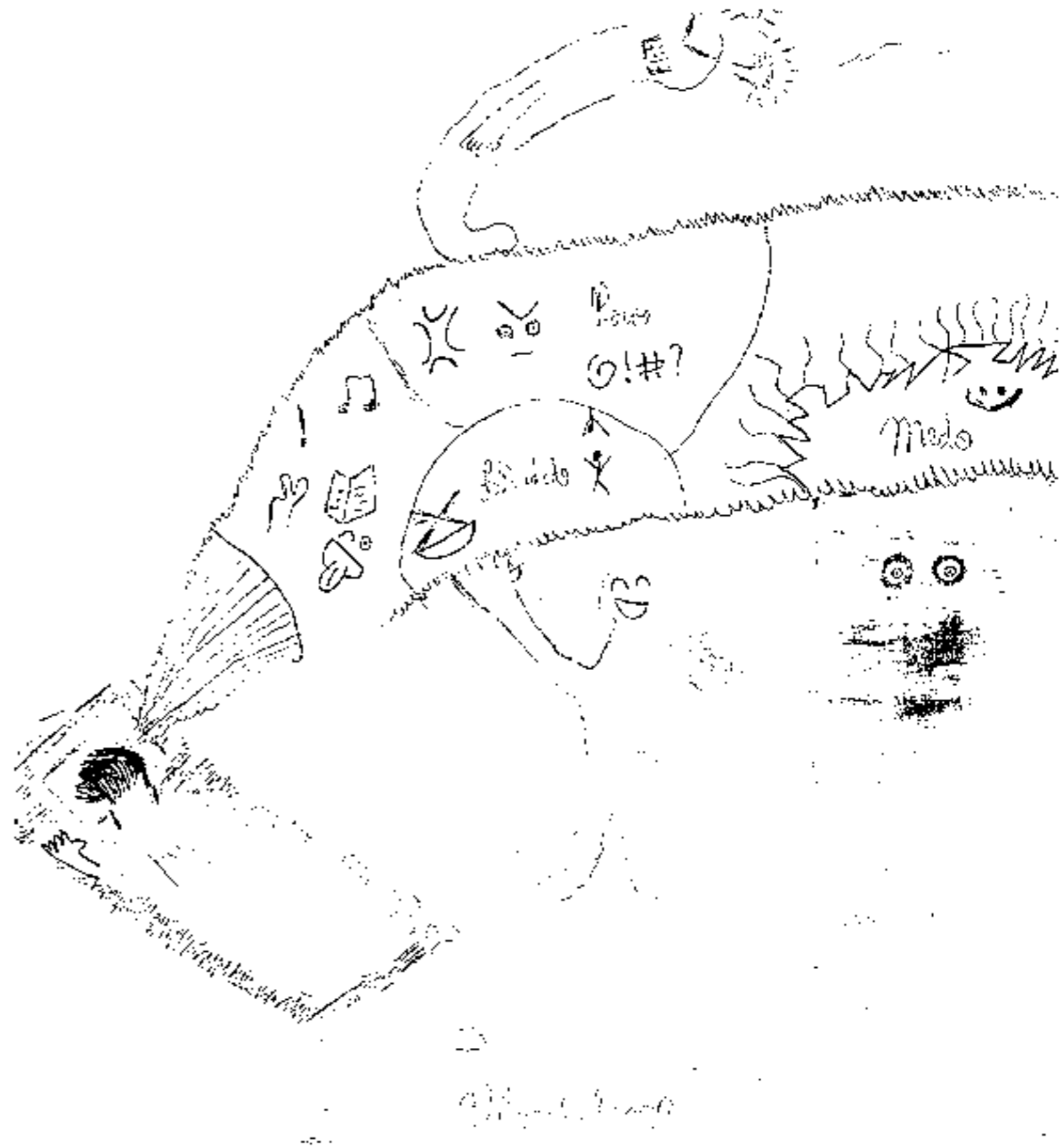
Enquanto a Guerra passava pelos campos de treinamento nos países, o Medo saía espalhando para as pessoas nas ruas o que estava prestes a acontecer. Isso acontecia com facilidade, pois o Medo conseguia influenciar e manipular as pessoas sem esforço. E os irmãos continuavam fazendo isso desde as pequenas cidades, até as grandes metrópoles.

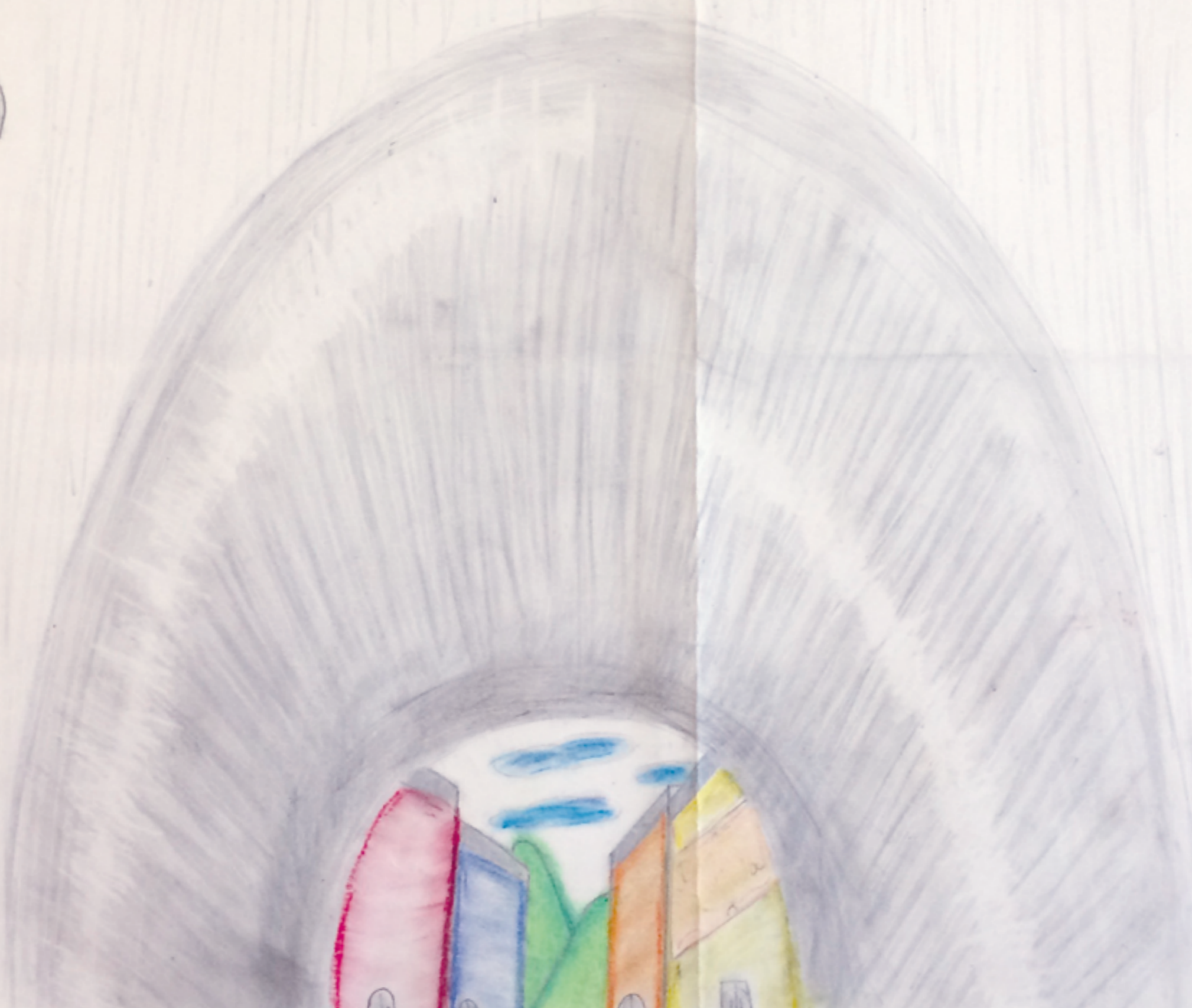
O Medo e a Guerra conseguiram assim o que tanto queriam. A partir deste momento, surgiu um primo distante, a Covardia, ela fazia com que os países utilizassem formas e maneiras massacrantes para se enfrentarem. Com esses massacres, também surgiu outro primo, a Morte, que aterrorizava nações e nações todos os anos.

A Covardia, o Medo, a Guerra e a Morte continuavam devastando as populações, mas as pessoas ainda acreditavam na Esperança, pois em outras situações foi ela quem os salvou. Temida pelos sentimentos e acontecimentos ruins, ela conseguia fazer com que as pessoas reagissem a tudo isso.

Com a aparição da Esperança, tudo o que estava acontecendo se acalmou e veio por fim sua irmã mais nova: a Paz.

João V. e Bruno







DOSSIÊ SEGUINDO OS TIJOLOS AMARELOS

"A felicidade só é real quando compartilhada"

Último escrito de Chris McCandless (Emile Hirsch), em Into the Wild (2007), de Sean Penn



Há um ano visitamos os lugares que insistem em nós, como ensinou Ferreira Gullar, desta vez fizemos o contrário. Limitados ao mundo físico, para onde iríamos se pudéssemos? Um lugar de faz de conta, um lugar de desejos, um lugar ideal. Pegamos carona com Alexander Supertramp, no filme de Sean Penn, com trilha de Eddie Vedder.

Um lugar, enfim, pode definir o que somos? Ou o que importa não são os pontos de partida e de chegada, mas sim a jornada, seja reta ou tortuosa? Bob Dylan já ensinou, *"a felicidade é a própria estrada"*.

Por favor, viajem conosco.

Qual é a sua estrada, homem? – a estrada do místico, a estrada do louco, a estrada do arco-íris, a estrada dos peixes, qualquer estrada... Há sempre uma estrada em qualquer lugar, para qualquer pessoa, em qualquer circunstância. Como, onde, por quê?

"On the Road", de Jack Kerouac

Obras e filmes de referência: "Into the Wild", de Sean Penn / "Na natureza selvagem", de Jon Krakauer / "Poesia Romântica Inglesa (Keats, Blake, Shelley e Byron)", coletânea da Ed. Hedra / "On the Road", de Jack Kerouac / "Chronicles", Vol. I, de Bob Dylan / "O Mágico de Oz", de L. Frank Baum

Um Lugar

Sinceramente não sei
Onde gostaria de estar
Viajando pelo mundo
Ou até mais simples
Indo para o Ceará

O mais engraçado
É que as pessoas só pensam
No futuro e não no presente
Pois querem ganhar muito dinheiro
E não se é paciente

Mas nada é real
Pois ultimamente
Nesse mundo só vejo
As pessoas fazendo o mal

Meu lugar não teria preconceito
Pois lá as pessoas teriam o mínimo
Respeito
Também haveria muito amor
Para um Filho que foi
Abandonado e não pode
Ser cuidado pelo Avô

O meu lugar seria
No meio do mar
Com a minha família
Onde possa ter um lar
E também pessoas
Que eu possa gostar.

João V.

Meu Mundo

Só quero um mundo em que eu possa ser eu mesma, fazer o que eu quero e quando eu quero, um mundo que tenha paz sem guerra, sem brigas.

Sempre sonhei em sair do país, estudar fora, em outro lugar. Quero ser qualquer pessoa menos a que sou hoje, ou talvez ser só um pouco diferente. Estar em outro lugar, viver de outra forma. Talvez não seja pelas pessoas com quem convivo, mas sim por mim, por quem eu sou ou mesmo por quem não sou. Não acredito que nosso destino já esteja pronto, pois quem o faz somos nós. Quero um mundo onde eu possa escolher o que quero da minha vida, sem a influência dos pais ou de qualquer outra pessoa, onde eu tenha minhas próprias escolhas, meu destino, minha carreira.

Talvez agora eu possa não estar no meu mundo ou no mundo que eu desejo, mas daqui a um tempo, quem sabe.

Rose Cooper

Meu Lugar

Meu lugar
É onde eu possa ver o mar
Onde eu possa dançar
Onde eu possa chamar de lar

O lugar ideal
Onde eu tenha um espaço ideal
Onde não exista o mal
Onde não te julguem pelo seu visual

O lugar perfeito
Onde não existe defeito
Onde você pode ser do seu jeito
Onde tudo é bem feito

Um lugar no mundo
Onde eu possa achar meu rumo

Laura

Seu lar

Havia uma garota chamada Shay, que parecia sempre alegre e animada, porém por dentro havia uma floresta sombria. Não poderia demonstrar essa dor negra, pois todos iriam fazer perguntas...

Shay tinha certeza de duas coisas, passaria o resto de sua vida com seu amado namorado e iria para Nova Iorque ser modelo. Ela sabia que onde estava tinha lados bons, mas não a fazia feliz. Eram problemas com a família, abusos, e não tinha muitos amigos fiéis.

Quando foi para o lugar que tanto queria ao lado de seu amado, os problemas foram sumindo aos poucos. Conseguiu participar de um desfile de uma marca excelente, a Zara, e ficou muito feliz com isso. Conquistou uma ótima carreira. Mesmo sentindo saudades dos poucos amigos e dos familiares, sempre voltava para reviver tudo, mas nunca ficava mais que um mês.

Achou seu lugar.

Larissa



"Sê plural como o universo"

Fernando Pessoa



Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

"Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa."

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos "eus"... nossos heterônimos.

Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.

Obras de referência: "Cancioneiro", "Livro do desassossego", "Poesia completa de Álvaro de Campos", "Poesia completa de Alberto Coeiro", "Poesia completa de Ricardo Reis", de Fernando Pessoa / "O ano da morte de Ricardo Reis", de José Saramago

Sincera

Sou uma pessoa que não tem medo de dizer na cara das pessoas o que penso. Por esse e outros motivos não tenho muitos amigos, pois eles não aguentam a verdade, só sabem mentir.

Meus pais me prendem muito no momento (e eu detesto!), mas sei que é para o meu bem. As pessoas confiam muito em mim, mesmo não sendo minhas amigas, me contam segredos e eu não conto para ninguém. Não é nem porque eu sei que

é segredo, é porque eu esqueço quem me falou ou o que a pessoa me disse.

Sou rápida ao entender as piadas, mas não gosto de rir de coisas desnecessárias, preservo meu riso, pois sei que não é para todos.

Sei que estou falando de assuntos aleatórios, mas eu sou assim, mudo de assunto sem mais nem menos.

Sou assim, aleatória, preservada e verdadeira.

Anna Frozen

O Surpreendente Eudino

Eudino (1838-1938) era um inglês e um sábio. Muito discreto e não muito popular. Ele ficava em sua casa em um bairro de Londres e ninguém sabia o que fazia, pois nunca expôs nada a ninguém. Só depois de sua morte que descobriram o que ele realmente fazia.

Eudino era um historiador autodidata.

Sua casa era recheada de textos produzidos por ele relacionados a uma Ditadura Militar do Brasil que nem havia acontecido! Ele afirmava que tal Ditadura Militar no Brasil era muito provável. Também dizia o porquê dessa grande possibilidade e como e quando iria começar e terminar esse regime.

Eudino defendia que por mais que o Brasil tenha sido uma colônia de exploração e esse tipo de colônia comprometa de certa forma o desenvolvimento econômico de um país, o Brasil podia ter tido um melhor desenvolvimento econômico e poderia ter uma maior importância no mercado internacional. Na sua visão, um fator importante para esse desenvolvimento fora do padrão era a instabilidade política brasileira, porque um não acordo econômico entre os estados brasileiros dificultava implantações de um modelo fiscal para uma exportação lucrativa.

Eudino chegou à conclusão de que esses problemas, que geravam e agravavam um grande problema econômico do país no mercado interno e externo, iria levar os militares a tomar o governo por volta do ano de 1964. O Brasil já estava atrasado tecnologicamente em sua parte industrial e as pretensões para o início da Terceira Revolução Industrial no mundo seria nesta mesma época. Com isso, o autodidata vislumbrava que os militares a usariam como desculpa para um golpe, prometendo o desenvolvimento que já seria nítido em outros países.

Sonhava, assim, que o povo brasileiro sempre quis ter um governo justo, e que eles tinham uma característica forte e marcante, que era exigir sempre o direito de liberdade de expressão – coisa que não é possível e nem aceita em um regime militar. Ele previa que o tempo desta Ditadura seria de vinte e um anos, e acabaria porque o povo brasileiro não iria conseguir de forma alguma viver sem ter tal direito de liberdade de expressão.

Tudo que Eudino ditou foi o que ocorreu. Então as pessoas chegaram à conclusão de que, como um historiador autodidata, era um vidente.

Igor

Preciso saber o porquê de tudo isso, o porquê de existir o amor, se ele só traz tristeza, o porquê de existir a felicidade, se ela nunca está presente, o porquê de existir os amigos, se eles nunca serão de verdade... Será que tudo isso é necessário?

Verdade? Não sei o que é isso, a única coisa que conheço é a mentira. Pela primeira vez na minha vida quero uma verdade, quero a verdade, dos meus pais, dos meus amigos, de mim. Todo dia vejo pessoas falando mentiras, será que é necessário ou é o simples querer?

Ainda não sei.

Rose Cooper

Pedro Atros nasceu em Brasília em 1990, terminou o Ensino Médio com quinze anos, porém perdeu seus pais com dezesseis e passou dois anos em reclusão. Por isso, terminou a faculdade de direito aos dezoito. Aos vinte e oito, enfim, sofreu uma crise mental por solidão e entrou em coma, porém, durante o coma, começou a falar frases como se refletisse sua vida e lamentasse todas as perdas. Até hoje suas frases são escritas por uma acompanhante que fica dia e noite com Pedro. Além disso, apresenta sintomas de bipolaridade representando sua outra parte como seu falecido pai: Hugo...

Anônimo



Capítulo 1: As sombras que enxergo

Eu estou em um sonho? Olho para mim e me vejo criança, junto aos meus pais, andando em um parque, que tempo bom onde eu sorria e pulava sem perceber os problemas da vida e do mundo, não sabia das perdas que iria sofrer.

Enquanto ando vejo meu filho, tão feliz, lembro-me de uma época em que rezava para que nada o atingisse, como a ditadura e as Guerras Mundiais. O futuro que espero para o meu filho é um futuro com prosperidade e paz em que as pessoas colham as coisas boas que aprenderam com os pais, porém, hoje em dia vejo: um mundo injusto, onde o pobre fica mais pobre e o rico mais rico, onde a corrupção governa. Esse não é o futuro que quero para o meu filho [...].

Pedro Atras

Parabólica

Sou capaz de ver o impossível, sou capaz de ver o que você está pensando, mas há um problema, vejo os sentimentos de outras pessoas, sinto-os (só não consigo sentir os meus.)

Sinto pelas outras pessoas o que nunca senti por mim mesma, posso ser diferente, mas nunca me senti tão normal.

E um dia eu sei que ainda vou achar em uma pessoa o que ainda não achei em mim.

Rose Cooper



DOSSIÊ A VERDADE ESTÁ LÁ FORA

Tudo depende do tipo de lente que você utiliza para ver as coisas.

"O Mundo de Sofia", de Jostein Gaarder

O mundo não parece o bastante. Nele não recebemos carta de Hogwarts, não somos filhos de Deuses, nem descobrimos uma conspiração alienígena.



Assistimos ao episódio "Milagro", da icônica série Arquivo X, e a partir dele nos foi revelado que a literatura não só vive em nós, como de nós pode sair. Logo, ao descobirmos que o assassino do dia foi uma entidade que nasceu das páginas de um escritor, resolvemos mergulhar no limite incerto entre verdade e ficção.

Apronte seu capacitor de fluxo, vassoura da bruxa, nuvem voadora, nave espacial, ou seja lá o que for e junte-se a nós.

Acabei de encontrar um homem maravilhoso. É de ficção, mas não se pode ter tudo.

Personagem Cecilia (Mia Farrow), em "A Rosa Púrpura do Cairo", de Woody Allen

Obras e filmes de referência: "O Mundo de Sofia", de Jostein Gaarder / "Arquivo X", 6ª temporada, de Chris Carter / "A Rosa Púrpura do Cairo", de Woody Allen



Ilustração: Clara

A Sombra e o Detetive

Eu sou um detetive particular, resolvo casos que são nitidamente estranhos. Mandaram-me para um local chamado Gotham e fui investigar um assassinato cometido por um palhaço e encontrei o corpo da vítima na cena do crime. Ela estava com um sorriso assustador na boca, me disseram que era um gás que o tal assassino coloca nas pessoas para que elas morram de tanto rir. Após examinar a mulher, percebi que havia um rastro de um líquido verde perto do corpo e decidi segui-lo.

No meio do caminho eu acabo vendo um vulto se aproximando. Quando dou por mim, é uma sombra de um homem com um aspecto de um morcego. A sombra me encara com seus olhos sombrios e diz: "É melhor você sair daqui, detetive, o que está enfrentando é maior do que pensa e não posso garantir a sua segurança daqui em diante".

De início, fiquei somente assustado com aquela figura, porém em seguida o retruquei dizendo que não havia com o que se preocupar. Voltando à investigação, o homem não me deixava chegar perto do rastro, pois achava que, a partir daquele ponto, o culpado apareceria. Dizia que conhecia como o assassino era e sabia que era costume dele ficar perto da área onde o crime aconteceu.

Eu acabei duvidando disso e comecei a olhar ao redor em busca de pistas. Entrei em casas até achar um porão de um prédio cheio de rabiscos fosforescentes de uma pessoa que parecia viciado em charadas. Então decidi procurar o tal homem-morcego para apresentá-lo a essa pista. Quando ele chegou, examinou todos os rabiscos e disse: "Charada... eu realmente não consegui prever que ele tentaria se disfarçar utilizando os métodos do Coringa para me atrair a uma armadilha... obrigado, detetive, sem a sua ajuda não seria possível localizar o verdadeiro culpado". Após dizer isso ele desapareceu no escuro e eu não tive mais nenhum sinal dele nessa noite.

No entanto, um dia depois, acabei ouvindo que ele havia conseguido prender o culpado, mas disse a um tal comissário que todo o crédito da apreensão do culpado foi meu, assim, consegui receber a recompensa estipulada em meu contrato.

Fui convidado a visitar um local nessa mesma cidade onde certo CEO tinha uns assuntos para tratar comigo. Ao chegar ao parque em que marcamos, percebi que ele estava vazio, esperei durante um tempo e, passado alguns minutos, uma passagem se abriu entre uma montanha e eu decidi investigá-la.

Atravessei a passagem e descobri que ali existia um esconderijo secreto em uma espécie de caverna com computadores e outros tipos de tecnologia, porém à medida que eu me aproximava, comecei a enxergar uma figura familiar se aproximando de mim, a sombra. Quando ele em fim chegou, perguntei-lhe o que significava aquilo e ele me respondeu: "Este é o meu esconderijo para investigar os crimes, eu

chamei você aqui pelo seguinte motivo: fiquei impressionado com o seu método de trabalho e com a sua insistência em investigar a fundo cada detalhe. identifico-me muito com pessoas como você e gostaria de lhe fazer uma proposta... se eu lhe desse a opção de combater o crime ao meu lado, o que você faria?”.

Disse a ele que aceitaria, contanto que ele me revelasse sua identidade: “Então está feito, ah, e, a princípio, eu só revelo meu nome àqueles que considero extremamente confiáveis, então já esteja informado que pesquisei muito sobre você, meu nome é Bruce... Bruce Wayne”.

Vitor Braga

Persona

Era uma tarde normal de quarta-feira e eu estava fazendo meu “filme” de animação quando de repente começa uma tempestade e com isso um raio cai em minha casa. Meu computador acabou eletrocutado, ou seja, literalmente fritado. E depois disso tudo aconteceu, não mais que de repente eu recebi uma mensagem anônima no meu celular.

A mensagem dizia “eu vou consertar o seu computador”.

Quando olhei de volta para meu equipamento, notei que estava funcionando. Porém, algo estava muito errado nessa história toda. Ao ligar meu computador, fingi que nada tinha acontecido até que, quando fui abrir meu projeto de animação, vi que algo não estava normal, meu personagem estava andando de uma forma que não estava no script da animação, até que ele sozinho abre o bloco de notas do desktop e começa a escrever. “Não estou mais a fim de ser um personagem fictício, quero ir pro mundo real.”

Perguntei o que eu poderia fazer para ajudá-lo e ele me respondeu o seguinte “crie um arquivo com o seguinte nome: Passagem.exe” e assim o fiz. Quando o executei, uma passagem foi criada

e assim eu conheci o meu próprio personagem! Minha primeira pergunta foi “por que você quis vir para o mundo real?” E ele me respondeu: “Eu quero ser alguém, quero poder criar minha própria história, não quero seguir o que está no script”.

“Mas como você pode ter qualquer tipo de emoções ou algo assim? Digo, você é praticamente só uma porção de imagens!”, questionei.

“Bem, primeiro de tudo, quando você cria um personagem, você está criando uma pessoa, você dá uma história pra ela, características, emoções etc. Eu não concordei com a história que você me deu, então estou indo embora”, disse.

“Espera um pouco! Eu preciso de você! Sem você, não tem animação... será que concordaria em voltar para lá se eu mudasse sua origem do jeito que você quiser? Entenda, eu sei que você quer fazer sua própria história, mas além de eu precisar de você, eu posso fazê-la do jeito que quiser”.

“Está bem, mas você vai ter que concordar com minhas condições”, encerrou o assunto.

Depois de uma longa discussão, finalmente entramos em um acordo e ele voltou para o seu devido lugar dentro da animação. Eu sei, essa história é muito estranha, porque ela começa de repente e termina de repente. Mas acredite, ela realmente aconteceu!

Felipe Adami

Uma Viagem ao País das Maravilhas

Clara e Luana estavam em mais um dia normal caminhando por um bosque, onde encontram um lindo jardim de flores.

– Olha, que lindo! – suspirou Luana. As duas foram correndo para ver mais perto e Luana já ia preparando a câmera de seu celular para tirar umas fotos.

Elas não conseguiam fazer outra coisa além de se jogar e se deitar no meio das flores, o que não era comum, pois nenhuma delas gostaria de deitar ali no meio para não sujar o cabelo nem as roupas, mas deitaram. Não só porque estavam cansadas, mas também porque o céu estava lindo de se olhar. Clara começou a falar como seria incrível se o mundo delas pudesse ser um país das maravilhas, era a quinta vez que tinha lido o livro “Alice no País das Maravilhas”, e já estava até cansada dele. Contudo, ao mesmo tempo parecia que nunca se cansaria dele.

As duas levantaram e continuaram andando com os olhos vidrados no celular. Sem perceber, elas acabaram caindo em um buraco grande demais para ser a toca de um coelho.

Ao longo da decida, passaram por um bule de chá e um relógio e Clara inicia uma estória sobre esses objetos. Finalmente elas chegaram ao final do buraco, caindo no chão duro. Olham em volta e Clara fala que conhecia aquele lugar e sabia exatamente o que ia acontecer.

Luana encontra em cima de uma mesa uma garrafa escrita “beba-me”, e é claro que elas beberam.

– Que gosto horrível! – disse Clara. As duas começaram a ficar pequenininhas (Luana fica mais pequena do que já é!).

Elas então decidem subir uma no ombro da outra para passar pela fechadura e abrir a porta do outro lado.

– WOW! – as duas falam enquanto olham cavalos marinhos voando, e plantas com cores que nunca tinham visto antes.

– O que tinha naquele café que tomamos hoje de manhã? – disse Luana, confusa com o que estava acontecendo.



– Não acredito que estamos no País das Maravilhas, não é demais? – apontou Clara, enquanto Luana sorria de emoção.

Andaram pelo lugar, pasmas com cada coisa inacreditável que viam, mas as duas pararam um pouco para discutir sobre a situação. Clara achava que elas deveriam procurar a Alice e Luana concordou. Elas saíram em busca de algo, sem ao menos saber o que, até que se depararam com uma lagarta soltando fumaça com seu narguilé em cima de um cogumelo gigante (como na estória). – Olá, prazer eu sou a lagarta, vocês podem me chamar assim ou de Absolem, tenho vários nomes – falou calmamente.

– Olhe Sr. Absolem, nós queríamos saber sobre a Alice! – disse Clara em um tom seguro e direto.

– Alice? – Perguntou.

As meninas continuavam perguntando por ela e a lagarta respondia com palavras pequeninas, de pouquíssimas sílabas.

Sem nenhum sucesso, saíram andando até que viram um grande sorriso aberto, surgir em uma árvore. Logo perceberam que se tratava de um gato risonho que vinha lhes perguntar:

– Posso ajudar?

– Ah não... que dizer sim... quer dizer talvez – argumentou Clara um tanto confusa – Pode nos levar para um lugar?

O Gato disse que as levaria a um lugar, e as duas seguiram atrás dele.

Elas acompanharam o gato até ele evaporar como fumaça...

As meninas continuaram andando pela floresta, até que foram atropeladas por um coelho usando paletó, com um relógio na mão, parecia estar muito atrasado, com muita pressa.

As duas se olharam com a ideia de persegui-lo. Chegaram assim em uma grande mesa de chá, onde aparentava acontecer uma festa pela animação e euforia, todos estavam muito agitados.

Na mesa estava o chapeleiro, uma lebre e um camundongo dentro de uma xícara, todos muito peculiarmente loucos. Cantavam e celebravam, enquanto o chapeleiro convidava as garotas para um chá, as duas, sem nem pensar, sentaram nas cadeiras e perguntaram para o chapeleiro:

– Sabe onde está Alice?

Ele respondeu:

– Alice? Ela já não está mais aqui, deve estar no palácio.

– Palácio? – Perguntou Clara.

As duas saíram correndo para continuar sua jornada, porém pararam para pensar e chegaram à seguinte conclusão... Já que iriam ao palácio, talvez fosse melhor não ficarem daquele tamanho! Clara se lembrou de uma parte do livro “Um lado do cogumelo para aumentar e outro para diminuir”. Por sorte acharam um cogumelo perto de onde estavam, pegaram um pedaço dele, esperando que fossem crescer e imediatamente as duas voltaram aos seus tamanhos normais. Comemoraram e continuaram à caminho do palácio.

Cansadas e sem energia, eis que avistam o palácio e um enorme labirinto de jardim. Cruzaram o labirinto que estava cheio de rosas pintadas de vermelho e abriram ao final certos portões que não estavam trancados. Foram recebidas por várias figuras engraçadas e sem sentido, incluindo aves com tamanho de humanos e cartas de baralho que eram guardas da monarca.

No fundo do palácio, repousava a rainha de copas e do seu lado Alice. As meninas começaram a conversar com ela e pareciam as melhores amigas!

De repente ouve-se um grito vindo da Rainha:

– Quem comeu todas as minhas tortas? – Alice limpou a boca suja e se escondeu atrás da cortina. As três fugiram antes que a rainha descobrisse e correram tanto que ficaram tontas e desmaiaram. Quando despertaram, Alice não estava lá e elas estavam deitadas nas flores novamente, teria sido um sonho? As duas se olharam como se soubessem exatamente a história que cada uma iria contar, mas partiram como se nada tivesse acontecido. Um pouco incomodadas e arrependidas, na verdade por não terem se despedido de Alice.

Clara e Luana

DOSSIÊ DEIXE-ME INVENTAR

*Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores
Que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo
Cores!*

“Esquadros”, de Adriana Calcanhoto



Dos traços e manias do cartunista uruguaio Gervasio Troche, lançamo-nos à palavra que brota da imagem. Em seus *Desenhos Invisíveis*, descortinamos camadas de imaginação para enfim nos darmos conta de que a tela é nossa, e não do autor. Quino também contribuiu com sua mente nada convencional nas obras pós-Mafalda, nos encarando com sua perspicaz visão da sociedade moderna.

Quem nunca devaneou diante de um quadro? Mario Quintana até desabafou, “Se não fosse Van Gogh, o que seria do amarelo?”.

Lápis e papel, matéria-prima das matérias-primas.

*Preparei a minha tela
Com pedaços de lençóis que não chegamos a sujar
A armação fiz com madeira
Da janela do seu quarto
Do portão da sua casa
Fiz paleta e cavalete
[...]
E fiz, então, pincéis com seus cabelos*

“Acrilic on Canvas”, de Renato Russo

Obra de referência: “Desenhos Invisíveis”, de Gervasio Troche / “Deixe-me inventar”, de Quino



Conexão

Na cama estou deitada
A Deusa me envolve
sonhos com seu manto me cobre
Com sua magia sinto
As estrelas e os astros
Entrarem por minha janela e me Abraçarem
O meu corpo envolvem e os sonhos mais belos
parecem você
Deusa dos astros
Soberana a me envolver

Larissa



Interestelar

Eu estava deitado na grama no meio da noite e olhava para as estrelas, quando me veio em mente a seguinte pergunta: será que as estrelas estão olhando para a Terra ou mais especificamente para mim?

Adoraria saber por que em cada uma dessas estrelas eu enxergo uma coisa especial. Então, se elas realmente estiverem olhando para mim, também significa que eu tenho algo de especial? Hum... Isso não te deixa curioso? Porque eu sempre fico curioso quando penso nisso. Caso haja mais estrelas no céu do que pessoas na Terra, isso significa que todos na Terra são especiais?

Gosto de pensar que é assim, porque algumas pessoas provam que realmente são especiais, às vezes mudando uma vida e às vezes mudando o mundo como o conhecemos.

Gosto ainda de pensar que o mesmo vai acontecer comigo.

Felipe Adami

Estrada da Vida

Fico pensando na estrada da vida
E é se vivendo que se caminha por ela
Algumas vezes sua liberdade não é mantida
Durante essa estrada, muitos danos, mas poucas sequelas

Tal caminhada ensina mais que uma escola
Só que sem limitar nossas mentes
Melhora nossa visão sem precisar de lentes
Um trabalho só que sem aquele "copia e cola"

Fui falar da estrada e acabei viajando
Mas por ela continuo andando
Sem saber quando chego ao final
Isto não é algo banal

Realmente essa estrada é infinita
Na verdade o fim é a morte
É uma coisa bem esquisita
Sem sul ou norte
Bruno Magalhães

Às vezes me sinto um círculo
Num mundo de quadrados
Ser normal não é tão legal
Ser diferente é ser indiferente?
A diferença entre as pessoas
É o que nos define
Numa sociedade que nos reprime
Molda, enquadra, engaiola...
Onde estão os círculos?
E os indivíduos?
Presos em seus quadrados
Ou sonhando com triângulos,
círculos e retângulos?*



Bruno Magalhães



Sonhadores

Alguns homens de tanto que pensam, chegam a sonhar
 Voam com a imaginação e começam a adorar
 E de tanto que sonham na realidade os ajuda
 Então continuam a voar com a mente que os acuda.

Vitor

Círculo Vicioso

Às vezes me sinto um círculo
 Num mundo de quadrados
 Ser normal não é tão legal
 Ser diferente é ser indiferente?
 A diferença entre as pessoas
 É o que nos define
 Numa sociedade que nos reprime
 Molda, enquadra, engaiola...
 Onde estão os círculos?
 E os indivíduos?
 Presos em seus quadrados
 Ou sonhando com triângulos, círculos e retângulos?

Arabella



Viagem à Lua

Cheguei à Lua, desci da nave, estranhei porque não vi ninguém. Senti-me sozinho e imaginei que os seres vivos que, como eu, habitam a terra, fossem únicos. Mas mesmo com esses meus pensamentos mirabolantes, em pouco tempo, me animei e segui minha caminhada para achar algo de interessante que poderia ser uma grande descoberta para a humanidade.

De repente encontrei uma caverna, pensei duas vezes antes de adentrá-la, pois estava sozinho.

Entrei.

Isso por um motivo, porque pensei que poderia ser uma porta para a fama. Nos primeiros momentos só enxerguei a escuridão natural da caverna, apenas a minha lanterna como fonte de iluminação para seguir adiante.

Caminhei muito e, não encontrei absolutamente nada.

De repente avistei uma flor e imaginei várias coisas ao mesmo tempo. Imaginei que poderia tirar uma fotografia com a minha câmera espacial que tinha guardada no bolso, mas vi que a flor era artificial. Isso me frustrou, mas ao mesmo tempo me animou, porque aquilo explicava que alguém já esteve ali, que eu não era o primeiro enfim. Isso sim seria um grande feito.

Com todos esses fatores que relatei, decidi seguir mais na minha caminhada. Mais um pouco e de repente encontrei uma saída que dava em uma residência. Logo pensei "Descobri uma residência no fim de uma caverna na Lua! Isso é uma grande descoberta para a humanidade! Posso ter fama e ser o mestre na parte aeroespacial!"

Decidi adentrar na residência, quando vi uma alien gigante...

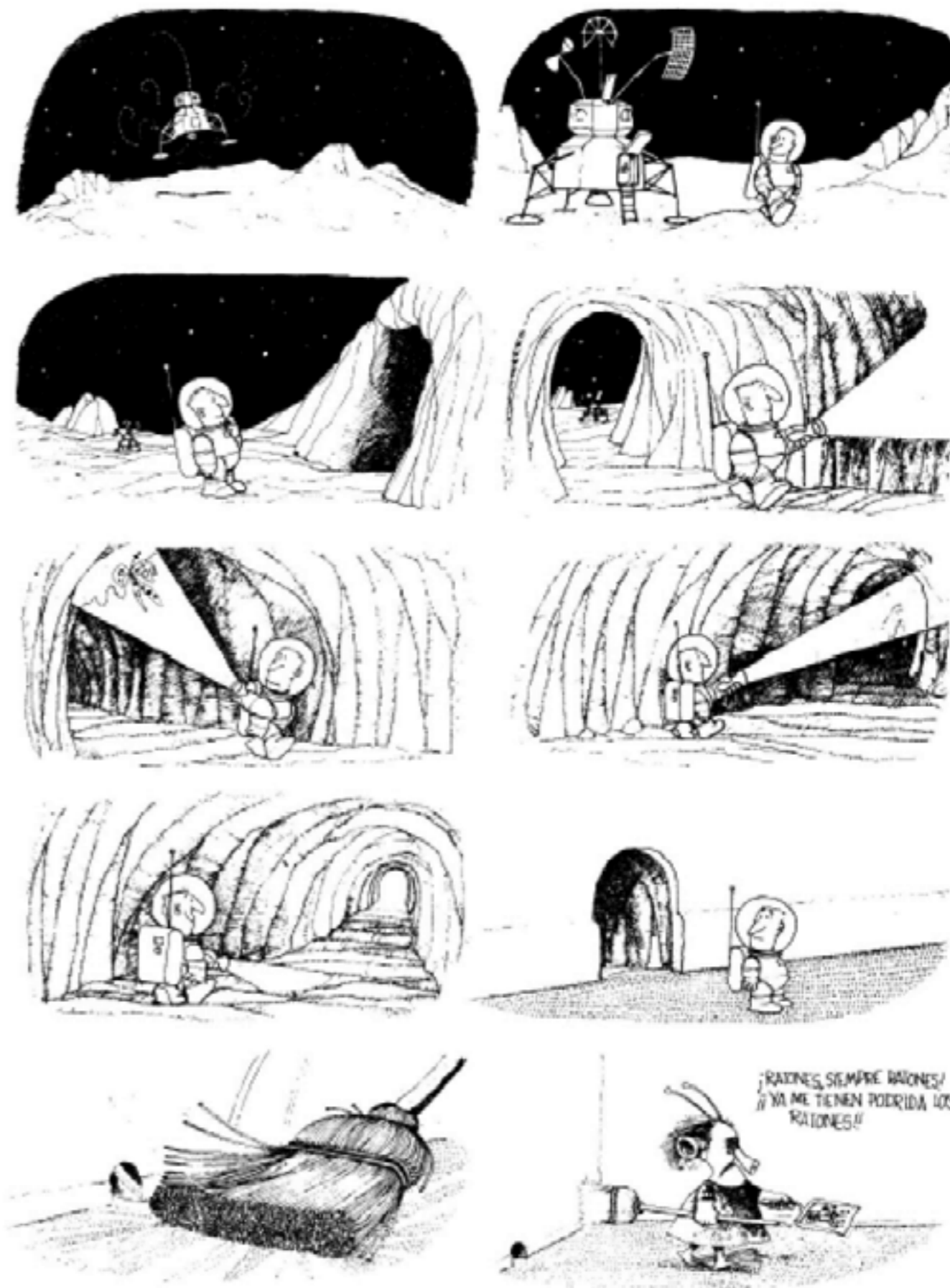
Achei que seria bem recebido, mas de repente a alien gigante me avistou com uma cara feia. Assustei-me. Ela veio com uma vassoura para cima de mim. Esmagou-me e me colocou em uma pá de lixo.

Ela disse "Ratos, sempre ratos! Estou farta de ratos!"

Por mais que ela tenha me esmagado, fiquei feliz.

Porque sabia que quando retornasse à Terra, teria muita história para contar.

Igor



EXPEDIENTE

Apresentação: Mateus Bertolino

Revisão: Mateus Bertolino e Mônica Scheer

Autoria dos textos: Alunos do 9º ano/2015 da escola Aldeia Curumim

Design, Diagramação e Montagem da Capa: Bernardo Nemer (www.bernardonemer.com)

Ilustrações: Alunos do 9º ano/2015 da escola Aldeia Curumim

Capa: Montagem = Delirium (personagem de Neil Gaiman, arte de Bill Sienkiewicz) + Fernando Pessoa

Colaboração: Mônica Scheer

Fotos: Larissa Leal

Apoio institucional: Lucia Cantarino Gonçalves e Marcelo Cantarino Gonçalves



www.aldeiacurumim.com.br



www.aldeiacurumim.com.br